**CENTRO UNIVERSITÁRIO – FAI**

Marcelo Soares [[1]](#footnote-1)

Simone de Freitas Sanguebuche Bester[[2]](#footnote-2)

**O ENSINO DA LEITURA**

**Resumo:** Desde os primórdios, o homem necessita comunicar-se, seja por meio da fala ou de desenhos. Nesse sentido, o processo da escrita encontra-se inserido na vida humana a partir da era primitiva até os dias atuais, passando por um processo constante de evolução. Esse desenvolvimento abrange inicialmente a escrita ideográfica, que era realizada por meio de desenhos, sendo que essa forma de escrita gerou um grande número de símbolos o que ocasionou assim muitos problemas na comunicação. Por consequentemente, surge a escrita fonográfica que era representada por silabários, no qual, as sílabas correspondiam a um som, o que posteriormente foi aprimorado pelos gregos correspondendo ao atual meio de aquisição da escrita, o alfabeto. Como o processo de aquisição da escrita por esse sistema é complexo, foram adotadas didáticas de alfabetização e letramento diversas, sendo que uma dessas formas para incentivar o gosto pela leitura e desenvolver o primeiro contato com a escrita é a contação de história.

**Abstract**: From the beginning, the humans need to communicate, either through speech or through drawings. In this sense, the process of writing is inserted in human life from the primitive era util the present day, passing for a constant process of evolution. This development initially covers ideographic writing, which was realized through drawings, and this form of writing generated a large number of symbols, thus causing many problems in communication. Consequently, the phonographic writing that was represented by syllables comes up, in which the syllables corresponded to a sound, which was later enhanced by the Greeks corresponding to the current means of acquisition of writing, the alphabet. As the process of writing acquisition by this system is complex, various literacy and basic literacy didactics were adopted, and one of these ways to encourage the taste for reading and develop the first contact with writing is the story telling.

Keywords: Writing; Literacy; Basic literacy

**INTRODUÇÃO**

Desde o início da história, o ser humano precisou comunicar-se, seja por meio da fala ou de desenhos. Nesse sentido, o processo da escrita encontra-se inserido na vida humana a partir da era primitiva até os dias atuais, passando por um processo constante de evolução. Diante disso, o presente artigo busca compreender como aconteceu e como se deu o processo de evolução da escrita, sistematizando os antigos sistemas, com os atuais meios de aquisição do processo de escrita. Dessa forma, buscou entender o que é escrita e como os indivíduos assimilam este processo.

A escrita é algo que está interligado com o processo de leitura, ou seja, escrita e leitura são habilidades que são adquiridas em conjunto. Por isso, a necessidade de não somente entender como acontece o processo de aquisição da escrita, mas como também se desenvolve a leitura. Para compreender de maneira ampla, o texto traz diversas concepção do processo de alfabetização e letramento, ou seja, aquisição das habilidades de escrever e ler, bem como a utilização destas habilidades nas práticas sociais.

A estrutura do texto está desenvolvida em título 1: **a escrita –** primeira parte do texto corresponde à um histórico da escrita. O texto segue subdivido em subtítulos: **alfabetização e letramento por Magda Soares** ­– estudo sobre o que é alfabetização e letramento, bem como uma contextualização dos dois termos. No segundo subtítulo, **ler – leitura – interpretação/compreensão** – buscou realizar uma conceituação do que é ler e leitura, e como ocorre a interpretação e compreensão do que está sendo lido. No terceiro subtítulo, **o ensino da leitura: novas estratégias ­**­– há um estudo referente de como pode ser realizado o ensino da leitura, como também os diversos tipos de leitura. No último subtítulo, **despertando o gosto pela leitura** – contém uma proposta que pode ser utilizada como ferramenta para o incentivo à leitura.

E por fim, uma breve conclusão dos temas abordados no texto.

# A ESCRITA

O ser humano mediante o transcender do tempo buscou a comunicação por meio de gestos, expressões e através da fala. A escrita formal surge no mundo antigo por volta de 4000 a.C. e 3500 a. C, no processo histórico de desenvolvimento das civilizações, com o desenvolvimento das artes, do governo, do comércio, da agricultura, e de outros setores que compõem uma sociedade. A passagem da pré-história para história, é dado como o marco da escrita. Devido que, é através dos registros escritos que as civilizações são deixadas como heranças e pode-se conhecer a maneira de vida de uma sociedade, de uma determinada época (BARBOSA, 1994).

De acordo com Barbosa, a escrita se originou, a partir do “momento em que o homem aprende a comunicar seus pensamentos e sentimentos por meio de signos” (1994, p. 34). Diante disso, o homem expressa seu conhecimento de maneira palpável, para que outros conseguissem compreender e dialogar sobre os assuntos em questão.

De acordo, com Barbosa (1994, p.36) a normatização dos signos trouxe um padrão à escrita, no qual podemos simplificar no fluxograma 1.

Fluxograma 1 - Normatização dos signos

Fonte: o autor, 2018.

Percebemos no fluxograma 1, que a partir da normatização dos signos, passou a ter um padrão para a escrita, ou seja, foi determinado um sistema geral para aprender e ensinar a escrita.

Para o avanço da escrita, a mesma passou por inúmeras transformações no modo de ser entendida ao passar dos anos. De acordo com Cagliari (s.d), a escrita inicialmente era conhecida como ideográfica, ou seja, a escrita não era realizada pela representação das palavras, acontecia por meio das representações artísticas/desenhos, que indicam as coisas e objetos, período também conhecido como Pictogramas (desenhos representativos), como ilustrado na figura a seguir.

Imagem 1: Escrita ideográfica



Fonte: webeduc, s. d.

A figura 1 exemplifica como acontecia a escrita ideográfica, que era então desenhos para representar algo que o povo queria comunicar-se com os outros povos, bem como um registro das suas atividades.

Com o passar do tempo, provoca uma necessidade de atualização em todos os mecanismos existentes na humanidade. O primeiro modo de escrita começou a gerar problemas, devido aos numerosos símbolos existentes, assim ocasionava um grau de complexidade muito alto para que as coisas fossem representadas. Com isso, a escrita ideográfica (pictogramas) deu espaço para a escrita fonográfica, que correspondia aos silabários e os sinais representando os sons que as sílabas produziam, ou seja, as letras e os sons produzidos pelas letras. (CAGLIARI, s. d).

Para Barbosa, a partir da contribuição cultural dada pelo povo semítico ocidental, da representação silábica, o povo grego então desenvolvera o alfabeto, ou seja, “um conjunto de sinais da escrita que expressa os sons individuais de uma língua” (1994, p.37). De acordo com o mesmo autor, os gregos evoluíram o alfabeto com o desenvolvimento das vogais, que quando unidas com os signos silábicos, transformaram as sílabas em signos consonânticos, com 27 letras.

## ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO POR MAGDA SOARES[[3]](#footnote-3)

A autora traz a concepção de alfabetização como um processo de inúmeras facetas, complexo, de multiplicidade de perspectivas, e para que se possa gerar significados e efetividade durante este processo, deve-se ter uma cooperação entre os professores e os alunos, no qual a autora classifica os alunos como sendo os “atores principal” do processo de alfabetização (2010).

Soares traz conceitua a alfabetização como (2009, p. 31), “a ação de alfabetizar, de tornar “alfabeto”. Indaga ainda que a alfabetização é um processo contínuo, ou seja, se estende por toda uma vida, que dentro deste processo existem dois pontos: o primeiro é a aquisição da língua (oral e escrita) e o segundo, é o processo de desenvolvimento da língua (oral e escrita) que perpetua ao longo da vida. A alfabetização, é um processo em que o indivíduo consegue a assimilação do código da escrita, ou seja, adquiri habilidades na leitura e na escrita (SOARES, 2010).

Sendo assim, a alfabetização é um procedimento em que os indivíduos buscam o conhecimento, para poder representar os fonemas em grafemas e grafemas em fonemas (SOARES, 2010).

A autora destaca que o letramento, coloca o sujeito como sendo “a condição de ser letrado” (p.35), no qual a palavra letramento vem da palavra inglesa “*literacy*”, sendo que esta palavra não possui o mesmo significado no português. A palavra letrado no português, é aquela pessoa que é conhecedora em letras, literatura, línguas.

De acordo com Soares (SOARES, 2009, p. 32) A palavra letramento, surgiu pela primeira vez em um livro da autora “Mary Kato: *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística,* de 1986”. Mary Kato (1986, p. 7 apud SOARES, 2009) defini letramento como o resultado da língua culta falada.

Soares (2009) propõe um estudo dos termos, para buscar a compreensão do que é ser letrado. ***Literate****, é aquele indivíduo educado, ou seja, termo utilizado como adjetivo para aquela pessoa, que possui a habilidade/domínio da leitura e escrita (ler e escrever)*. E letramento (*Literacy),* indica o estado ou a situação do indivíduo que sabe ler escrever, porém, fazendo o uso destas habilidades (leitura e escrita) de uma maneira competente e rotineira.

A alfabetização e letramento, são termos distintos, porém, necessitam de uma sintonia para sejam alcançados. No qual, a alfabetização é o processo que o indivíduo adquire a habilidade de saber ler e escrever. O letramento é a capacidade deste indivíduo alfabetizado, em usar as habilidades da leitura e escrita de uma forma que o possibilite a utilizadas nas vivências sociais.

Porém, há pessoas que são alfabetizadas, mas não são letradas. Ou seja, que sabem ler e escrever, mas não fazem o uso ou não conseguem compreender nas práticas sociais (SOARES, 2009). Por exemplo, quando uma pessoa sabe apenas ler e escrever o seu nome e pequenos textos, não significa que ela foi letrada, mas está alfabetiza de certa forma.

Como também não podem serem consideradas **analfabetas** (grifo autor), devido que analfabetos são aqueles segundo Soares (2010), indivíduos que não possuem a habilidade de ler e escrever. Partindo deste pressuposto, a habilidade de **escrever** está direcionada a: tradução de fonemas em grafemas[[4]](#footnote-4), com um pensamento cognitivo e metacognitivo; com as habilidades motoras, ortográficas e gramaticais; bem como habilidades mais complexas, como: a capacidade de selecionar ideias que são mais importantes ou relevantes ao tema estudado, bem como a capacidade de fixar objetivos e como eles serão desenvolvidos; como também a habilidade de organizar, relacionar e expressar ideias no texto descrito (SOARES, 2010).

A alfabetização e letramento, é quando um indivíduo consegue realizar a decodificação dos códigos da língua escrita e falada (ler e escrever), utilizando-a socialmente, praticando-a nas mais variadas interações sociais que existe na sociedade (SOARES, 2009). Segundo a autora mencionada, um indivíduo letrado é aquele indivíduo capaz de transformar o seu modo de pensar e agir, levando a um nível superior, seja, no aspecto social, cultural, cognitivo, linguístico, e entre outros aspectos.

Val (*apud* BATISTA, 2006) segue a mesma linha de pensamento de Soares, no qual afirma que o ser alfabetizado e letrado, é aquele que fez a apropriação da escrita, mas que não se atem apenas a está apropriação do sistema alfabético-ortográfico, como também fazem o uso do sistema da leitura e escrita nas suas práticas sócias.

## LER – LEITURA – INTERPRETAÇÃO/COMPREENSÃO

O processo da leitura pode ser comparado à construção de um prédio (Cunningham et al., 1981). O escritor é o arquiteto; o texto é a planta; o leitor é o construtor; o processo da compreensão é a construção do prédio; o produto da compreensão é o prédio pronto. O que acontece entre a apresentação da planta e o prédio pronto depende do conhecimento prévio do construtor, presumido pelo arquiteto. Este conhecimento presumido deve incluir não apenas familiaridade com diferentes tipos de construção e suas características distintivas, mas também a capacidade de inferir da planta todos os detalhes pertinentes que não foram explicitamente mostrados. Este conhecimento é o que pode ser definido como esquema (LEFFA 1996, p. 25).

Ler “é um conjunto de habilidades e conhecimentos linguísticos e psicológicos, estendendo-se desde a habilidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de compreender textos” é o que afirma Soares (2010, p. 31). A leitura segundo a autora, é um processo no qual o indivíduo irá relacionar os símbolos escritos com as unidades sonoras, como também realizar a interpretação de textos escritos.

Para que a criança tenha adquirido a habilidade da leitura, ela deverá possuir algumas habilidades, como: traduzir os sons das sílabas isoladas, como também ter um pensamento cognitivo e metacognitivo – que se derivaria as habilidades de decodificar os símbolos escritos, bem como ter a habilidade de entender o sentido do que está sendo lido, conseguindo fazer avaliações e produzir conhecimento através do que está sendo lido. Porém, algumas destas habilidades ela irá adquirindo ao longo do período escolar ou em um curso superior (SOARES, 2010).

Este processo de alfabetização e letramento é um processo complexo e de muitas facetas como Magda Soares (2010) expõe. Todos os indivíduos terão as suas dificuldades e suas facilidades na busca pela habilidade e competência de ser letrado. E diante disso, devemos voltar aos estudos de dois grandes pensadores da educação Piaget e Vygotsky, para buscar compreender numa visão teórica como cada indivíduo constrói seu conhecimento.

Para Piaget *(apud* KRAMER, 2010) o conhecimento é uma construção por etapas, no qual todo indivíduo é o sujeito do seu conhecimento (sujeito epistêmico). Partindo desta ideia, a criança constrói o conhecimento a partir do momento que passa a produzir alguma ideia ou noção do mundo físico e social. Piaget trabalha o sujeito como sendo um sujeito cognitivo, ou seja, um sujeito que tem como motor do desenvolvimento do seu conhecimento a cognição, o pensamento, a inteligência e a razão.

Para Vygotsky (*apud* KRAMER, 2010, p. 120) o conhecimento é uma construção social, cultural e histórica que visa estudar o sujeito não nas suas etapas, mas que busca compreender o processo que o leva a agregar conhecimentos. Considera-se que o conhecimento advém do seu meio, ou seja, é “o conjunto de significados que historicamente a humanidade vai imprimindo na sua produção. Na realidade, esses significados vão construindo e constituindo a consciência do homem”.

Dessa forma, existem indivíduos que se desenvolvem de uma maneira e outros de maneira diferente, diante disso, o professor que é o mediador entre o conhecimento e o aluno, deverá buscar meios, metodologias diferenciadas nas quais levam em consideração as particularidades e necessidades de cada aluno.

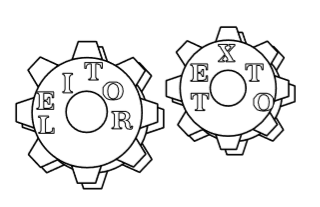
E o professor na perspectiva de auxiliar os seus alunos na aquisição de conhecimentos teóricos, bem como no desenvolvimento de um sujeito letrado deverá pensar em alguns fatores, no qual Solé (1998) destaca que para escrever um livro ela precisa pensar nos possíveis leitores que irão realizar a leitura de sua obra. E para isso, leva em consideração a motivação, as expectativas e o conhecimento prévio que os seus leitores possíveis terão sobre o tema.

Da mesma maneira, o professor poderá selecionar os materiais que seus alunos estarão realizando leituras, baseando-se no contexto histórico social e cultural de cada aluno.

A leitura para Leffa (1996, p. 22) “implica uma correspondência entre o conhecimento prévio do leitor e os dados fornecidos pelo texto”. Nesta linha de pensamento Leffa (1996, p. 11) defini o processo de leitura como a ação de “[...] ler é extrair significado do texto e [...] ler é atribuir significado ao texto”. De acordo com o autor mencionado, o verbo extrair está direcionado aos significados do texto para o leitor, e o verbo atribuir está relacionado com os significados que o leitor irá dar ao texto.

Leffa (1996) trabalha com a ideia que o leitor e o texto podem serem representados por duas engrenagens, como exemplifica a imagem abaixo.

Imagem 2: Leitor e texto



Fonte: Leffa, 1996.

Leffa (1996, p. 22) descreve que o “Leitor e texto podem ser representados como duas engrenagens. Quanto melhor o encaixe entre um e outro, melhor a compreensão do texto”. Solé (1998) também segue a mesma linha de pensamento de Leffa, no qual descreve o leitor ativocomo aquele que consegue realizar durante a sua leitura um importante esforço cognitivo, processando e atribuindo significado à escrita lida.

Solé (1998) destaca um fator importante para que o aluno/leitor possa compreender, e ter a compreensão do que está lendo, passa pelos objetivos e intenções que está sempre proposta a leitura. Ou seja, a compreensão é uma ação relativa aos conhecimentos que o leitor possui sobre o que está lendo e os objetivos que fora estabelecido alcançar pelo leitor ou por outro alguém, mas que foi aceito pelo leitor (BAKER e BROWN *apud* SOLÉ, 1998).

Estes objetivos que o leitor almeja alcançar são cruciais, diante do fato que ele terá que desenvolver estratégias, para que possa ter uma compreensão do que está sendo lido (SOLÉ, 1998).

## O ENSINO DA LEITURA: NOVAS ESTRATÉGIAS

Ler não consiste no decifrar ou fazer adivinhações ao sentindo do texto. Mas sim, quando está diante de um texto conseguir atribuir ***significado*** (grifo autor) para ele, relacionando com outros textos que foram ***significativos*** (grifo autor)para si, bem como buscar entender o tipo de leitura que o autor propôs no texto, e o leitor deve-se entregar-se ao momento que está a realizar a leitura, ou se opor a ela, propondo uma outra leitura para ao texto (GERALDI, 2006).

O leitor não é um sujeito passivo, mas sim agente que visa buscar ***significações*** (grifo autor)no processo de leitura. Para Geraldi (2006) o autor do texto se apresenta e se dilui nas leituras do seu texto, no qual, deu uma significação e idealizou possíveis leitores, mas o processo de leitura é definido pelo leitor, este por sua vez irá ***reconstruir o texto*** (grifo autor) através da sua leitura atribuindo-lhe significações, de acordo com o seu entendimento.

Geraldi (2006) elenca possíveis posturas que o leitor terá ante ler um texto, e neste sentido elencou 4 possíveis objetivos que o leitor irá procurar obter através da leitura, são eles:

* A leitura – busca de informações;
* A leitura – estudo do texto;
* A leitura do texto– pretexto;
* A leitura – fruição do texto.

No qual, ele define a leitura enquanto **busca de informações,** quando o leitor tem por objetivo **extrair informações** (grifo autor) do texto. No contexto escolar, muitos professores utilizam esse meio como sendo uma ferramenta para que os alunos extraiam informações X ou Y, ou seja, quando se tem por objetivo responder algumas perguntas, em um processo avaliativo, por exemplo.

Tornando assim, uma leitura autoritária e artificial. Que muitas vezes o aluno/leitor acaba se frustrando e não obtendo significações com textos de busca de informações.

Geraldi (2006) descreve dois roteiros para que os alunos/leitores tenham contato com este tipo de textos. O primeiro se refere a busca de informações com um roteiro elaborado, pelo leitor ou por outro alguém. Que visa ler um texto com o objetivo de responder questões estabelecidas.

E o segundo roteiro, é a leitura de texto com objetivo de buscar informações sem um roteiro previamente planejado. Este visa verificar as informações que o texto proporciona.

Os dos modos são qualitativos, ou seja, possui qualidade para o desenvolvimento de aprendizagens e também para desenvolver o gosto pela leitura, mas quando forem bem desenvolvido pelo professor. Quando o mesmo consegue promover um ambiente em que o leitor sinta vontade de extrair as informações do texto proposto. O aluno/leitor não somente irá extrair as informações que fora solicitado, mas extrairá elementos que estão subjugados no texto.

E como sugestão para o professor introduzir está forma de textos (busca de informações) com uma metodologia diferenciada. No qual, o mesmo não necessariamente precisa se basear na busca de informações para responder questões avaliativas, mas propor conhecer o texto de uma maneira diferente. E com isso, oportunizar não só a leitura de jornais, livros científicos, livros didáticos, entre outros. Mas também a leitura de textos literários, no qual Geraldi (2006) traz a leitura de romance, por exemplo, como uma leitura possível para a extração de informações, como o ambiente da época, a forma de vida das pessoas (personagens) de encarar a vida, e outros elementos.

A leitura enquanto **estudo do texto,** segundo Geraldi (2006) trata-se da interlocução entre **leitor/texto/autor** (grifo autor). O autor enfatiza para se observar 4 itens:

* A tese defendida no texto;
* Os argumentos apresentados em favor da tese defendida;
* Os contra-argumentos levantados em teses contrárias;
* Coerência entre tese e argumentos.

Nesta leitura pode-se perceber que está correlacionada com a exploração e toda a estruturação de um texto. Geraldi (2006) destaca ainda que este tipo de interlocução não é privativo a textos dissertativos, o mesmo destaca que pode ser estudado a textos narrativos, no qual se objetiva o ponto de vista dos personagens, entre outros pontos do texto.

A leitura de texto enquanto **pretexto** (grifo autor), de acordo com Geraldi (2006) possui dois pretextos principais, são eles: para o aluno, enquanto o responsável por dirigir a sua aprendizagem. E para o professor, este destina-se a estudo ou tem como pretexto ler um texto, para a produção de um novo texto.

E diante disso, pode ser realizado diferentes interpretações e novas compreensões. Transformando uma dramatização em uma narrativa, um poema em um coro falado, transformar uma história em ilustrações, esses são alguns dos mais variados pretexto que pode haver na interlocução leitor/texto/autor. Para Geraldi (2006, p. 97), ele é enfático quanto aos tipos de pretextos, no qual diz que: *“Prefiro* *discordar do pretexto e não do fato de o texto ter sido pretexto”.*

A partir dessa afirmação, o autor ter por base que, quando se tem um texto para ler, não necessariamente o seu pretexto é importante, mas sim a leitura em si do texto se torna importante. Que os pretextos são uma forma além, para que os alunos possam realizar a leitura de textos.

E por último, a leitura de texto enquanto **fruição do texto** (grifo autor). Geraldi (2006) traz essa forma de leitura como sendo esquecida pelo sistema e pela escola, no qual se objetiva uma leitura como imposição e proposta como uma atividade de avaliação, para os alunos realizem leituras.

E com isso, faz com que os alunos muitas vezes leem por obrigação e não pelo o que chama Geraldi (2006, p. 98), o “*desinteresse pelo controle do resultado”.* Que é a leitura gratuita, o ler pelo simples fato de ler, ler uma obra literária pelo fato de conhecer histórias, ou ler um jornal pela informação gratuita que há nele, e o leitor que decidirá se irá fazer uso ou não. E forma de leitura não se destina somente a alunos, mas também a pessoas de certa maneira fora do âmbito escolar.

Geraldi (2006) elenca três princípios que devem ser recuperados nas vivencias como leitores, são eles: o caminho do leitor, o circuito do livro e o não há leitura qualitativa no leitor de um livro.

**O caminho do leitor** (grifo autor), segundo o autor mencionado é considerar que a leitura não começou por o que ele descreve como sendo um “*monumento literário”*, mas que o professor no introduzir um tema ou algum gênero literário respeite os passos e a caminhada do aluno leitor, levando em consideração o enredo ou enreda do leitor.

Neste princípio, **o circuito do livro** (grifo autor), Geraldi (2006) desafia o professor a promover uma relação como um circuito, ou seja, algo que interliga os alunos com alunos, com a biblioteca escolar, biblioteca pública, etc. Como alunos com alunos? O professor deixar que os alunos troquem informações, indiquem livros que já leram para seus colegas. O autor traz o exemplo de fora do âmbito escolar, como as pessoas leem um livro? Por indicações de diferentes pessoas que convive, e é essa interação que o autor busca propor para os professores com os seus alunos.

Conforme o autor, ainda que talvez os professores não os melhores informantes para que os nossos alunos realizem leituras, e leem livros. Os professores devem oportunizarem a leitura livre, o circuito de indicações de colegas, pela curiosidade, pela capa, pelo título e entre outros elementos que os alunos possam querer ler um livro, sem ser pela obrigação de realizar leituras.

Por fim, **não há leitura qualitativa no leitor de um livro** (grifo autor). O autor busca trabalhar neste princípio a ideia de quantidade, ele traz a concepção que a quantidade pode gerar mais qualidade. A qualidade depende não da leitura de um texto, mas dos mergulhos que o leitor realizou antes em outros textos. O professor deve propiciar aos seus alunos um maior número de leituras diferentes, para que possa em uma produção textual ou em um debate ter fundamentos para utilizar como base da estrutura tanto textual como do debate.

## DESPERTANDO O GOSTO PELA LEITURA

Para promover o gosto pela leitura, a **CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS** (grifo autor) pode ser utilizada como metodologia para promover o encantamento das crianças desde a educação infantil até nos anos iniciais do ensino fundamental.

O contar histórias é viajar pelo mundo da imaginação, a criança viaja ao mundo de infinitas possibilidades. E para que se possa contar uma história, antes precisa ler uma história, escrever ou criar.

Para Silva e Souza (s.d, p. 2) a arte de contar histórias visa “ampliar o mundo literário do leitor e ouvinte incentivando-os ao gosto pela leitura, bem como, o desenvolvimento da inteligência da criança”. Desenvolvendo a sensibilidade, bem como o uso da oralidade de maneira criativa e crítica. Possibilitando as crianças á estabelecerem uma relação social e de interação, no momento em que se agrupam para escutarem e socializarem as vivências que a contação de histórias propiciará.

O docente ou o contador de histórias é o mediador entre a história e as crianças, e com isso deverá planejar, organizar e utilizar métodos em que consigo estabelecer uma ação de interação harmoniosa e prazerosa entre história/contador/criança.

**CONSIDERAÇÕES**

Através do estudo, pode-se perceber o quão importante é saber escrever e ler, bem como saber utilizar estas habilidades nas suas práticas sociais. Pois todo ser humano desde os primeiros dias de vida procura de alguma maneira se comunicar, com o seu desenvolvimento passa a necessitar desenvolver habilidades e competências mais complexas, que são adquiridas por meio da leitura e escrita.

Por esse fato, o processo de aquisição da escrita influência no desenvolvimento humano. E é por meio da leitura que todo indivíduo se desenvolve na sua plenitude.

O ato de ler molda o ser, eleva o seu conhecimento e amplia o seu vocabulário. Por esse fato, o processo de alfabetização e letramento devem serem conduzidos de maneira que mostra aos alunos que ler, os liberta de sistemas e os fazem pensaram de maneira autônoma.

**REFERÊNCIAS**

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura.** 2ed. São Paulo: Cortez, 1994.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **A origem do alfabeto.** Disponível em: http://www.dalete.com.br/saber/origem.pdf. Acesso em: 16/03/2019.

GERALDI, Wanderley João (org.). **O texto na sala de aula.** 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

MACHADO, Odair. **O que é Fonema e Grafema?** Disponível em: https://metodofonico.com.br/o-que-e-fonema-e-grafema-2/. Acesso em: 16/03/2019.

SILVA, Cristina Lourenço da; SOUZA, Milena Torres. A contação de história como incentivo à leitura. s.d. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho\_Comunicacao\_oral\_idinscrito\_1374\_ffc31ab5934520bb6972dc4d7516fa31.pdf. Acesso em: 01/05/2019.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOARES, Magda Becker. **Letramento:** um tema em três gêneros. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOARES, Magda Becker. **Alfabetização e Letramento**. 6ed. São Paulo: Contexto, 2010.

1. Acadêmico do curso de Pedagogia do Centro Universitário – FAI de Itapiranga – SC, E-mail: mar\_gremio1@hotmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestre em Letras. Docente no Centro Universitário – FAI de Itapiranga – SC, E-mail: simone@uceff.edu.br [↑](#footnote-ref-2)
3. Graduada em Letras e doutora e livre-docente em educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), autora de diversos livros e artigos sobre o ensino de português (alfabetização, letramento, leitura e produção textual). [↑](#footnote-ref-3)
4. Grafema é letra, símbolo gráfico utilizado para constituir palavras. Fonema é a unidade sonora utilizada para formar e distinguir palavras. O grafema é a representação gráfica do fonema. Na palavra “casa”, temos 4 letras e 4 fonemas, mas em “guerra” temos 6 letras e 4 fonemas (MACHADO, 2016). [↑](#footnote-ref-4)